

branca e preta apresentaram taxas iguais (10,70%), e a amarela registrou uma taxa de 10,62%. No que se refere ao caráter de atendimento, a taxa de mortalidade nas internações de urgência foi de 13,45%, enquanto nas eletivas foi de 4,46%. Acerca da idade, a taxa aumentou a partir dos 5 anos, sendo a maior na faixa etária de 80 anos ou mais (26,26%), seguida por 70-79 anos (20,31%), 60 a 69 anos (16,47%), 50 a 59 anos (13,63%), 40 a 49 anos (12,09%) e 30 a 39 anos (11,03%). Crianças de 1 a 4 anos apresentaram 2,39%, enquanto as menores de um ano registraram 5,01%.

Conclusão: Este estudo revela que, apesar dos avanços no tratamento do HIV/AIDS, a taxa de mortalidade no Brasil ainda é significativa. A prevenção, o diagnóstico precoce e o acesso ao tratamento devem ser priorizados, especialmente entre grupos mais afetados, como homens, pessoas de raça indígena e idosos, com destaque para a macrorregião Norte. Essas medidas são essenciais para controlar a epidemia e reduzir ainda mais a mortalidade relacionada ao HIV/AIDS.

Palavras-chave: Taxa de mortalidade HIV Epidemiologia

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103006>

EVOLUÇÃO CLÍNICA DE SÍNDROMES RESPIRATÓRIAS LEVES, MODERADAS OU GRAVES, NA POPULAÇÃO QUE VIVE COM O HIV: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE OS CASOS POSITIVOS E NEGATIVOS PARA SARS-COV-2

Camila Gonçalves Alves*, Michelle Venâncio Hong, Heloiza Thais Felipe de Camargo da Silva, Carlos Magno Castelo Branco Fortaleza, Lenice do Rosário de Souza, Karen Ingrid Tasca

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), Botucatu, SP, Brasil

Introdução: Pessoas vivendo com HIV/AIDS (PVHA) podem apresentar um risco maior de internações e morte por Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG) devido às comorbidades não aids pré-existentes, que são mais frequentes nesta população. Com o surgimento da COVID-19, notou-se a necessidade de maior investigação sobre a evolução da SRAG nessa população devido aos dados divergentes que a literatura apresenta.

Objetivo: Analisar a evolução clínica e gravidade das síndromes respiratórias em PVHA atendidas em ambulatório ou hospitalizadas, e buscar associações entre os diferentes desfechos e o resultado da testagem para SARS-CoV-2, comorbidades presentes e parâmetros imunológicos (contagem de linfócitos TCD4+ e nadir).

Métodos: No período de 05/2020 a 03/2023, foram incluídos todos os casos de PVHA residentes em Botucatu, notificados nas plataformas E-sus e Sivep-Gripe. A lista de 361 PVHA investigadas foi proveniente de um serviço de infectologia de referência na região. Os grupos foram divididos de acordo com a positividade para SARS-CoV-2. Testes estatísticos aplicados: Teste T, Qui-quadrado, Binomial Negativa e ANOVA.

Resultados: Entre os 206 pacientes que apresentaram sintomas gripais, 91 (44,2%) testaram positivo para COVID-19, sendo mais frequentes a dor de garganta (44,0%, $p = 0,050$ em

comparação aos não-COVID) náusea (8,8%, $p = 0,023$), distúrbios gustativos (16,5%, $p = 0,005$) e mialgia (35,2%, $p = 0,009$). Os grupos foram homogêneos para idade, sexo, T CD4+ e nadir. Houve necessidade de internação para apenas 15 (7,2%) pessoas, sendo 5 positivas para SARS-CoV-2. Somente a baixa contagem de TCD4+ ($p < ,001$) e nadir ($p < ,0001$) foram associados à internação. Todos os hospitalizados por COVID-19 apresentaram ao menos uma comorbidade, diferentemente do grupo não-COVID ($p = 0,025$), entre elas, asma, cardiopatia e dislipidemia. Não houve diferença entre os grupos quanto ao uso de suporte ventilatório e internação em unidade de terapia intensiva (UTI), todavia houve diferença para o desfecho óbito, que foi maior no grupo COVID-19 (40%, $n = 2$) em relação ao não-COVID (60%, $n = 10$).

Conclusão: A frequência de SRAG nas PVHA foi baixa, com menos casos notificados de COVID-19 comparados a outros agentes etiológicos. Apesar disso, o grupo COVID-19 teve pior desfecho clínico (óbito), cenário semelhante à população geral hospitalizada por SRAG. Contudo, requer atenção apenas as baixas contagens de T CD4+ e nadir, que foram associadas às internações, mas não necessariamente aos óbitos.

Palavras-chave: HIV/AIDS COVID-19 Síndrome Respiratória Aguda Grave

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103007>

EXPECTATIVAS SOBRE O USO DO PRESERVATIVO EM PRÁTICAS SEXUAIS NO INÍCIO DO USO DA PREP ENTRE ADOLESCENTES EM UMA COORTE EM TRÊS CAPITAIS BRASILEIRAS

Pedro de Almeida Silva^{a,*}, Beo Leite^b, Diana Zeballos^b, Priscilla Caires^b, Alexandre Grangeiro^c, Dirceu Greco^d, Inês Dourado^b, Laio Magno^a

^a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Salvador, BA, Brasil;

^b Instituto de Ciências da Saúde (ICS), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, BA, Brasil;

^c Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil;

^d Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil

Introdução/Objetivo: A profilaxia pré-exposição oral diária ao HIV (PrEP) é altamente efetiva para prevenção do HIV quando usada adequadamente. Entretanto, há preocupação sobre a possibilidade de redução ou a interrupção do uso do preservativo entre aqueles que iniciam a PrEP, especialmente os adolescentes homens que fazem sexo com outros homens (aHSH) e travestis e mulheres trans (aTrMT). Objetivamos analisar se a expectativa de redução do uso do preservativo entre aHSH/aTrMT após o início da PrEP é maior entre aqueles que já tinham esse comportamento antes do seu início.

Metodologia: PrEP1519 é uma coorte demonstrativa do uso da PrEP entre aHSH/aTrMT, com idade de 15 a 19 anos, em três capitais brasileiras. Foram incluídos 1.219 adolescentes que iniciaram a PrEP entre abril/2019-março/2023. Os desfechos analisados foram as expectativas de redução do uso do preservativo i) no sexo anal insertivo (SAI) e ii) sexo anal receptivo (SAR) após o início da PrEP. Odds ratio ajustada e

intervalos de confiança (IC95%) foram estimados por regressão logística para analisar associação entre o uso prévio inconsistente do preservativo no SAI e SAR nos últimos 3 meses do início da PrEP e as expectativas de redução do uso no SAI e SAR após o início da PrEP.

Resultado: A maioria tinha idade entre 18 e 19 anos (74,2%), era preto/pardo (71,8%), aHSH (91,0%), cursava ensino médio (71,7%), morava com pais/familiares (82,0%), 47,7% relataram o uso inconsistente de preservativo no sexo anal receptivo nos últimos 3 meses e 76,6% tinham baixa percepção de risco para o HIV. A expectativa de interromper o uso do preservativo após o início da PrEP foi de 11,0% e de redução do seu uso foi de 52,1% no sexo oral, 31,8% no SAI e 32,9% no SAR. A expectativa de reduzir o uso de preservativo foi 2,92 vezes maior (IC95%:2,16-3,96) entre os que já relataram o uso inconsistente do preservativo no SAR e 2,98 vezes maior (IC95%:2,03-4,43) entre os que relataram o uso inconsistente no SAI, ajustado por outras co-variáveis.

Conclusão: A expectativa de diminuir o uso do preservativo após iniciar a PrEP foi maior entre adolescentes que já possuíam práticas de uso inconsistente. Os dados apontam para uma continuidade do risco caso a PrEP não fosse instituída oportunamente. Nesse sentido, a criação de demanda para PrEP deve ser priorizada para diminuir a incidência de HIV entre aqueles com relato de uso inconsistente de preservativo.

Palavras-chave: PrEP Preservativo Adolescente HIV

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103008>

FALAS SOBRE USO DE PRESERVATIVO: A PERCEÇÃO DE MULHERES VIVENDO COM HIV SOBRE AS ORIENTAÇÕES RECEBIDAS POR PARTE DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE

Cindy Ferreira Lima^{a,*}, Cleo Chinaia^b,
Sílvia dos Santos^b, Nádia Zanon Narchi^a

^a Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil;

^b Universidade Santo Amaro, São Paulo, SP, Brasil

Introdução: A falta de adequada abordagem dos profissionais de saúde na prestação de assistência com enfoque na vivência saudável da sexualidade e escolhas reprodutivas, permanece como sombra sobre a vida das mulheres, de modo especial daquelas que vivem com HIV. Compreender a percepção dessas mulheres se torna fundamental para o aprimoramento da assistência.

Objetivo: Analisar a abordagem de profissionais de saúde sobre a temática de métodos contraceptivos, a partir da experiência narrada por mulheres vivendo com HIV (MVHIV).

Método: Análise temática qualitativa de entrevistas narrativas, a partir da aplicação da Classificação Hierárquica Descendente, realizada no software Iramuteq. A amostra foi composta por 10 mulheres vivendo com HIV, entrevistadas entre 1/11/2020 e 1/11/2022, assistidas em um SAE, em São Paulo. CEP 3.139.029 – SMS/SP e 3.081.173 – EE-USP/SP.

Resultados: A partir da análise, destacou-se a categoria prevenção da gravidez. Dentre as palavras que se destacaram, identificamos preservativo ($\chi^2 = 5,77$), único ($\chi^2 = 5,17$), conversar ($\chi^2 = 8,5$) e falar ($\chi^2 = 3,93$), que deram origem a

subcategoria Falas sobre preservativo. Ao analisar o contexto, foi possível o resgate dos seguintes relatos: “Ela olhou para minha cara e falou: deve ser complicado para você. Perguntei o porquê e ela: você vai se relacionar com alguém, tem que tomar cuidado porque pode colocar outra pessoa em risco, mesmo tomando o anticoncepcional tem que usar preservativo. Me senti uma bomba relógio (N8)”; “sobre método contraceptivo acho que a questão que me falaram aqui foi que tenho que usar, porque se não usar vou passar para o parceiro que tiver comigo. Então ou você usa ou você usa, não tem outra opção (N9)”; “A sexualidade era tranquila, não estou aquela coisa, mas de vez em quando rola. Hoje não tenho mais namorada, por opção. E com mulher, ninguém fala de preservativo (N5)”; “A única conversa que tive aqui sobre esse assunto, foi com aquela assistente social, que disse que mesmo eu e meu marido tendo a doença, teria que usar preservativo para o resto da vida (N3)”.

Conclusão: A partir da análise dos dados, é perceptível a necessidade de assistência embasada nas melhores evidências científicas, de forma a respeitar a liberdade de escolha das mulheres, possibilitando a elas, a decisão do uso do preservativo, com informações que embasem a decisão de modo seguro e de plena consciência dos parâmetros necessários a essa prática.

Palavras-chave: HIV Mulheres Preservativos Contraceptivo Sexualidade

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103009>

FATORES ASSOCIADOS À INCIDÊNCIA DE SÍFILIS EM PESSOAS VIVENDO COM HIV EM UM CENTRO DE REFERÊNCIA EM SALVADOR

Rafaella Tambone Barral^{a,*},
Monaliza Cardozo Rebouças^b,
Maria Fernanda Bahia Bacellar Souza^c,
Thiago Pinho Cordeiro Araújo^a,
Leonardo Bandeira Cerqueira Zollinger^c,
Maria Alice Magalhães Marques^c,
Ana Julia do Nascimento Araújo^c,
Priscila Alkmim de Oliveira Magnavita de Sousa^c,
Marcio Pires dos Santos^b, José Adriano Goes Silva^b,
Miralba Freire de Carvalho Ribeiro da Silva^d,
Fabianna Márcia Maranhão Bahia^b

^a Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP), Salvador, BA, Brasil;

^b Centro Estadual Especializado em Diagnóstico, Assistência e Pesquisa (CEDAP), Salvador, BA, Brasil;

^c Universidade Salvador (UNIFACS), Salvador, BA, Brasil;

^d Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, BA, Brasil

Introdução/Objetivo: A sífilis ainda se constitui um grave problema de Saúde Pública, com frequência e gravidade maiores entre as pessoas que vivem com HIV (PVHIV). Um aumento acentuado na incidência de sífilis ocorreu em vários países nos últimos anos, incluindo o Brasil. Nosso objetivo foi investigar os fatores associados à incidência de sífilis em PVHIV acompanhados no Centro de Referência Estadual DST/HIV/AIDS em Salvador.